

E N T R E V I S T A C O M

# JORGE MAUTNER



**JORGE MAUTNER** é carioca e nasceu em 17 de Janeiro de 1941. Escritor, poeta, cineasta, filósofo, ator, artista plástico, músico, cantor e compositor – Mautner é um dos grandes artistas-multimídia do Brasil. Autor de inúmeros livros. Nos anos 60, publicou a *Trilogia do Kaos* – composta por *Deus da Chuva e da Morte*|1962|, *Kaos*|1964| e *Narciso em Tarde Cinza*|1965|. De sua produção literária destacam-se ainda *Vigarista Jorge*|1965|, *Fragmentos de Sabonete*|1973|, *Panfletos da Nova Era*|1978|, *Poesias de Amor e de Morte*|1982|, *Fundamentos do Kaos*|1985|. Seus livros foram amalgamados numa caixa sob o nome de *Mitologia do Kaos* |ed. Azougue, 2002|. Publicou também o 1º vol. de suas memórias – *O Filho do Holocausto* |ed. Agir, 2006|. Como músico, lançou vários álbuns – e, em 1972, iniciou a parceria com Nelson Jacobina. Entre os discos gravados estão – um *compacto*|1966|, *Jorge Mautner*|1974|, *Anti-Maldito*|1985|, *Pedra Bruta*|1992|, *Eu Não Peço Desculpas* (em parceria com Caetano Veloso)|2002|, *Revirão*|2007|. Mautner tem ainda um sem-número de trabalhos inéditos aguardando uma oportunidade para publicar.

Depois de mais de dez anos sem virem a Teresina, Jorge Mautner e Nelson Jacobina se apresentaram no III Festival de Teatro Lusófono no histórico dia 20 de novembro de 2010. Foi um acontecimento marcante por vários motivos: o evento teve muito da sua programação cortada porque o Governo do Estado do Piauí, na gestão de Wilson Martins, havia se comprometido em patrocinar uma parte considerável do Festival e não o fez – primeiro mandou simplesmente cancelar e, posteriormente, “ajudou” com uma quantia bem inferior a que fora combinada – político maltratando cultura é um triste clichê. Mautner e Jacobina estariam entre as atrações cortadas, mas eles foram super-fraternos e vieram mesmo sem cachê imediato; além disso, todo o FestLuso, incluindo o show, foi grátis! E, para mim, a vinda do Jorge e do Nelson foi mais que alegremente irresvalável porque a banda que faço parte, a VALIDUATÉ, ainda abriu o show dos dois no Espaço Cultural Trilhos. Um obrigadão e gracias e um merci beaucoup imensos ao ator e coordenador Francisco Pellé – importantíssimo nesse encontro. Mautner ficou em Teresina da meia-noite do dia 19 até a tarde do dia 21. Nesse pouco tempo na cidade, ele participou conosco de uma gravação em estúdio da música SUPERBONDER, composta em 2004 – que fiz após ouvir TATARANETO DO INSETO e na qual o homenageio. Mautner ainda topou ser entrevistado por mim na manhã de domingo, mesmo tendo dormido bem tarde devido ao show de sábado. Conversamos gargalhadamente durante uma hora e meia no CaJus – Centro de Assessoria Jurídico-Social – e outro grande agradecimento ao Gustavo Amorim, advogado que nos autorizou a usar o CaJus. Tudo foi filmado: estamos na pós-produção das imagens e o vídeo sobre esse encontro circulará em breve. Na entrevista, estávamos toda a equipe envolvida no registro de Mautner e Jacobina em Teresina: Mayra Brandt, Lívia Medeiros, Meire Fernandes, Aristides Oliveira e Denes Filho. Estava presente também o grande artista plástico Amaral, que acabou sendo levado por nós e presenteando Jorge e Nelson com alguns números da revista HIPOCAMPO – seus trabalhos na vanguarda dos quadrinhos. Falando em artista plástico, agradeço caloroso e fraternalmente ao Joniel Veras, parceiro e irmão Indiano, que me chamou a atenção sobre o Jorge Mautner estar como o único exemplo de “poeta maldito” brasileiro na Wikipédia. Quando transcrevi nossa conversa, procurei dar conta de toda a naturalidade que constrói a fala. Por isso resolvi manter mesmo os lapsos de silêncios do pensamento. Boa vida longa a Jorge Mautner e Nelson Jacobina! Por tamanha contribuição à cultura brasileira, eles merecem tudo. Já se sinaliza o dia em que vai ser comum ouvirmos o que disse na música SUPERBONDER: Ei, mãe! Ei, mãe! Já tem criança dizendo que, quando crescer, quer ser o Jorge Mautner! Ei, mãe! Quando eu crescer, eu quero ser o Jorge Mautner!

Thiago E – **Mautner, tua vida pessoal é bastante explorada em vários escritos esparsos, entrevistas, etc. Então queria fugir um pouco disso e ir logo pros anos 50, que é onde começa tua produção, as tuas composições. E percorrendo teus livros, tuas músicas, percebo que tu constrói tua obra com um signo de uma tristeza muito acentuada, uma certa melancolia. E a primeira pergunta que eu faço é: de onde vem esse alvo, esse tema?**

**Jorge Mautner** – A melancolia é profunda. Ela historicamente tem razão no Holocausto. Meus pais chegaram aqui, eu nasci um mês depois. Meu pai era da resistência judaica – mas a família dele foi discriminada, tudo. E minha mãe era católica. Mas ela era de onde hoje é... Toda a família dela lutou na resistência... com os nazistas e aí também morreu. E as conversas em casa, eu descrevo isso no O Filho do Holocausto, o livro... Você não conhece, né?

Thiago E – **Conheço!**

**Jorge Mautner** – Aaah, bom! [*gargalhadas*]

Thiago E – **Vai até os anos 50...**

**Jorge Mautner** – Então essa primeira grande melancolia vem também de meu pai, o máximo, né, sempre tentando animar e tudo... Essa melancolia contrastando terrivelmente com a mais intensa alegria do Brasil. Então esses dois extremos sempre foram a característica, na minha situação. E outra: tem a tristeza do terror, dos morticínios... imagina conversando em alemão. Aos 7 anos, minha mãe se separa, casa com meu padrasto – primeiro violinista do Teatro Municipal – e eu aprendo violino com ele a partir dos 7. Mas a tristeza aumenta também porque minha mãe se separou. Minha babá, que era filha de santo, no Rio, também... mas tinha a música. Ele tocava música clássica, mas também freqüentava a Rádio Record, a Rádio Nacional pra fazer bico, né. Aí eu lembro. Então eu conheci muito cedo. Depois dos tambores de crioulo lá no Rio, a minha ligação com a música popular era direta – não só em discos, mas indo mesmo lá na Rádio Record onde ele ia fazer bico. Mas, a melancolia, ela precede isso. É como se da tristeza eu me alimentasse. Então eu ficava muito muito triste, mas em São Paulo, porque, separado do meu pai – embora meu pai viesse a morar ao lado e depois começasse a freqüentar a nossa casa. Então tinha meu padrasto, meu pai, minha mãe e eles todos falando em alemão. Eram discussões durante... até 25, 26 anos... em casa

sobre o Brasil e, claro, sobre o terror. Então, voluntária ou involuntariamente... Voluntariamente eu fui fabricado pra enfrentar o Nazismo. Primeiro meu pai que era da resistência. Mas não é ainda profundo. Eu sabia que era da cultura que se originou, enfim. E a outra parte da melancolia é aquela que... Caetano tem um samba, né, que "o samba nasce da tristeza" e se desenvolve. E o Hölderlin, o poeta alemão, um dos inventores do Romantismo (Goethe, Hölderlin, Schiller e os Irmãos Grimm) ele disse: "quando eu estou na alegria, não consigo expressá-la em meu cântico. Somente aqui, na mais profunda tristeza, é que eu consigo expressá-la". Então unificaram-se as contradições. Meu pai, logo cedo, me deu pra ler os Pré-Socráticos. Já tinha toda uma linguagem profunda, mas muito clara pra eu poder absorver. Sempre foi isso, né. E o problema da morte que era muito claro. Não só a morte como o morticínio do Holocausto... Judeus, homossexuais, ciganos, dissidentes – todo mundo que era bom [risos] – ia. E a tristeza do próprio medo da guerra. Cê tem que imaginar: nessa família intelectual, meu pai ensinando, deu Schopenhauer pra eu ler... Mas o principal é que pairava uma tristeza. Tinha a alegria que a guerra tinha acabado, mas os ferimentos continuaram muito tempo. E tanto que o Existencialismo do Sartre, da Simone de Beauvoir tinha essa característica. Dávamos muita risada, mas oficialmente a cultura era triste. Inclusive na música popular você tinha, né, mais músicas tristes do que músicas alegres. Era uma tendência geral. Inclusive a Dolores Duran, pré-bossa nova e compositora genial, ela lia muito, lia Sartre, Simone e gostava mais de Albert Camus. Incrível, né? A própria Maysa foi influenciada mais tarde pelo Existencialismo, que é uma atitude de que tudo aquilo... A vida é muito breve e tinha que se existir... Mas dali a pouco veio o Nazismo, depois a ameaça da bomba atômica... Porque uma guerra inicia a outra. Então um clima de muito radicalismo e opções radicais. Hoje não. Hoje o domínio é a alegria. E quem oficialmente lançou o "alegria, alegria" foi o Tropicalismo, mas foi muito tempo depois. Naquela época, na década de 50, eu comecei a escrever em 56, era isso. Aí tem mais uma coisa: eu sempre tentava me expressar escrevendo, né. Isso era aos 13 anos. Eu copiava os escritos: "Naturalista...", "Machado de Assis..." ...mas nunca conseguia me expressar. Porque eu tinha muita saudade do sol, do Rio de Janeiro. Embora meu pai morasse ao lado, minha mãe e meu padrasto discutindo o tempo todo... E eram o máximo aquelas discussões [risos]. Meu pai ficava irritado... era impressionante. Mas o que eu ia dizer da tristeza é que ela existia como viva causa oficial. A dramaturgia, os atores, mesmo a própria seriedade dava esse sentido à tristeza. E o após-guerra logo parecia que ia lançar uma guerra pior ainda – era a guerra atômica. Foi aí que eu fiz Radioatividade e entrei pro Partido Comunista pelas mãos

do Mário Schenberg, que era o cientista que tinha estudado com Einstein, trabalhado com Albert Einstein.

Thiago E – **É. O Mario Schenberg chamou tu mais o José Roberto Aguilar pra que vocês pudessem fazer um Comitê Cultural, né.**

**Jorge Mautner** – Isso, isso, exatamente... O que tinha antes era o Partido do Kaos, de 56 a 62, foi quando eu comecei a escrever o Deus da Chuva e da Morte. E esse Partido do Kaos com K já era um agrupamento. O tempo todo minha vida vai ser uma reunião de grupos e células. E nós encenávamos a Revolução Francesa, lá no ateliê... em 56. Então tudo que era pensador, filósofo... Nietzsche... Tudo que tinha gente, a gente "AAHH!" E era uma coisa incrível! Porque o tempo não espera... Revolução, né. Aquele tempo do terror... depois o grande terror... Mas era pra dar instrução pública também. Claro que havia o radicalismo da Revolução, claro. E ele dizia: "A junta de instrução pública está acima até mesmo da junta de salvação pública". Olha que incrível isso! E ele ensinava. Ele dizia que a Revolução eram aulas universais. Foi isso. [*gesticulando com os braços abertos*] E ele me dava aulas, ensinava isso pra um coral de 2.000 pessoas, cantando, imitando a Babilônia... Enfim. Era um clima total de envolvimento e interatividade... Mas por que eu tô contando isso? Porque nessas discussões tinha muita alegria, mas a tristeza parecia assim um signo mesmo da nossa época. Ô, Françoise Sagan... a tristeza... E mais do que isso – a música popular: os maiores sucessos eram músicas tristes. Não precisava ser monocórdio, mas eram tristes. Como Hölderlin, Caetano: vou pensar a tristeza como catarse e depois superar. Isso parecia concordar com aquele dizer errado que "o Brasil é formado por três raças tristes": o português que traria a melancolia, a saudade...; a etnia africana aqui que, escravizada, claro, só podia ser triste, não podia ser alegre; e os índios também, atribuíam-se aos índios uma atividade de preguiça, isso no dizer geral, e uma falta de iniciativa. E isso é errado. Não existem três etnias mais cheias de vida [*risos*] do que essas daqui. Mesmo o elemento, sei lá, a etnia branca aqui... Então, é o contrário. Mas tudo tava embutido. Isso vai dar a volta ao contrário muito tempo depois, oficialmente com o Tropicalismo. Mesmo porque havia divisões culturais rígidas... e muito variado. Então na rádio tinha música: tinha hora francesa, tinha hora grega, tinha hora italiana... a gente escutava música de vários lugares influenciados. Depois é que ficou sendo só por causa do sucesso de todos os ritmos, tudo. Antes eram de vários países. Hoje em dia não tem mais. Tem só uma hora assim da Colônia Portuguesa... E as músicas eram tristes, são as canções e a

própria bossa nova [*cantando*]: “tristeza não tem fim... felicidade sim...”. Mas, ao mesmo tempo... Ah! O meu processo particular...

Thiago E – **Isso.**

**Jorge Mautner** – então eu tava escrevendo, escrevendo... [*fazendo o movimento de escrever na própria mão*] Mas de repente: chovia muito em São Paulo! Como chove!

Thiago – **E o primeiro livro que tu lança é o Deus da Chuva e da Morte...**

**Jorge Mautner** – E da Morte! Não tenha dúvida nenhuma. E eu sou o Deus da Chuva e da Morte! [*risos*]

Thiago E – **Exatamente! E o primeiro compacto que tu lança tem Radioatividade... Falando também do perigo da bomba, da morte, essa iminência de um fim.**

**Jorge Mautner** – Exatamente.

Thiago E – **Então tu já começa com esse signo, o signo da tristeza. Só que, ao mesmo tempo, que nem tu diz, tem a união desse contrário porque a tua música também expressa uma comemoração da vida muito forte [*cantando*]: “tem desejo de amor até mesmo na flor e na planta... viva a vida querida, aqui agora nesse momento”.**

**Jorge Mautner** – Perfeito, perfeito!

Thiago E – **E várias outras músicas. Sempre falando dessa felicidade atrelada a uma certa saudade de uma coisa que não dá pra especificar o quê.**

**Jorge Mautner** – Exato. Mas essa pergunta é vastíssima!

Thiago E – **Lógico!**

**Jorge Mautner** – [*rindo*] A resposta dela vai lá pros recantos da metafísica! [*gargalhadas gerais*] ...da estranheza do ser, né.

Thiago E – **Pois é, mas eu queria ouvir tu falando sobre.**

**Jorge Mautner** – Claro. E eu falo mais. E outra coisa: ao mesmo tempo... minha vida era... Ah! A transformação! Eu tava muito melancólico e tava no pessimismo de Schopenhauer. A tristeza mesmo numa visão geral. Mas ela se modificou antes mesmo de eu ter consciência disso. Lá no Candomblé eu já sentia a alegria toda... Mas houve um fenômeno. Eu não conseguia escrever... aí eu li o Padre Antônio Vieira. De repente, olha que fantástico: li muito o Padre Antônio Vieira... Foi assim: ele chegou aqui, deu um estalo nele e ele começou a escrever sem parar.

Thiago E – **Teu pai que trouxe o Vieira?**

**Jorge Mautner** – É, exatamente. Toda literatura, trouxe tudo, tudo... pessoa genial. E aí eu imitei, eu mimetizei o estalo dele pelos contrários: então tinha toooda aquela chuva! Enevoada [*contraindo os braços com força*]! e de repente começou aquela chuva forte e eu adorei. Quanto mais pesada ficava, o relâmpago... Melhor! Aí eu fiquei muuuito alegre. Então foi o contrário – uma coisa que me dava tristeza eu transformei nesse instante. Lendo o Padre Antônio Vieira, tive um estalo e comecei a desencadear a escrever – que é meu estilo até agora. Mais tarde, o Flávio de Carvalho, que era o pós-modernista, ele foi o primeiro a ler meus textos. Ele disse muita coisa. Ele disse: “Mas parece literatura indígena!” Fantástico, né? E eu fiquei muito contente [*risos*]! [*tentando representar a fragmentação do seu estilo*] Ê ê ê ô que nem e tal... Mas minha literatura toda, minha visão toda tem coisas substanciais. Não só arquetipais, são obsessivas. E é uma linguagem que, se você quiser, trata de coisas muito complexas e infantil também, se você quiser... Direta! Ajuda muita gente a desencadear estilos e tudo... sem mistério. Começar a escrever [*escrevendo na própria mão*]: “Estou aqui falando com o Thiago... outras pessoas estão presentes...”. E direto... tudo... escrevendo. Inclusive eu dou aula de literatura, a criança descreve, depois bota movimento...

Thiago E – **Compre um diário...**

**Jorge Mautner** – Isso! [*rindo*] E o diário é o principal. Mas, enfim, o que eu quero dizer é que essa tristeza não existia – claro, existia porque era um Romantismo louco. Mas eram tristezas todas na abundância. Não tinha nada que... era o contrário – eu tinha tudo: livros, discos, tudo... liberdade máxima!

Thiago E – **Voltando um pouco para o Deus da Chuva e da Morte. Tu começa a escrever com 15 anos...**

**Jorge Mautner** – Exatamente, em 56, quando comecei o Partido do Kaos e terminei o livro em 58. E Caetano até observa que... eu vou lá no rock profundo, no samba profundo, na música caipira... eu buscava coisas viscerais, né. Eu era um dos poucos que consideravam o rock de Little Richard, o rock mesmo inicial do Chuck Berry como coisa... Os intelectuais ficavam meio afastados. Na época também gostar de música caipira era uma loucura... só Inezita Barroso e eu. E havia o canto-baião também. Uma parte da bossa nova, o João Gilberto, eles torciam o nariz pra Luiz Gonzaga... Preconceitos. Na verdade, raciais, racistas... e que foram se acabando também. E principalmente proclamar o Kaos com K – diferente do Caos com C – é a união de todos os opostos e uma vida tranqüila [*gargalhadas*]. E essa idéia, na verdade, é o Brasil: José Bonifácio já proclamou a amálgama – esse Kaos com K é a amálgama, assim como o Tropicalismo é amálgama, assim como a Antropofagia do Oswald de Andrade é amálgama em seu tom de fúria... e várias outras... essas são as que me ocorrem. E essa é a coisa que me manteve vivo. Colada a uma grande tristeza, havia uma alegria maior que partia da vida. É isso aí – viva os extremos, né.

Thiago E – **Tu lança o Deus da Chuva e da Morte em 62.**

**Jorge Mautner** – 62.

Thiago E – **Mas como foi o teu processo de escrita do livro?**

**Jorge Mautner** – O livro eu fui escrevendo furiosamente. Eu escrevia pra me libertar dos demônios, né. Uma mistura de confessionalismo e querer mostrar uma nova visão da humanidade. E aí que tá – a Nova Coisa que vai nascer no Brasil. Logo essa intuição, essa certeza, percorre tudo que eu faço: músicas, ações pessoais, tudo, tudo – e o que vai nascer – a Nova Coisa. E quem me chamou atenção foi meu pai, mesmo quando eu era criança, ele disse assim: “Tá vendo isso

aqui? Trouxe os livros da Europa que você conhece... Mas fizeram tudo isso pra quê? Pra fazer aquilo lá?". "E o que é a beleza?" Ele logo trouxe um tacape, que ele viajava como caixeiro viajante, em 1948, 49 – eu tava morando com meu padrasto, com minha mãe, mas ele freqüentava minha casa, até morou lá também – e me trouxe tacapes e flechas e com o Brasil era um fascínio absoluto.

Thiago E – **Defendendo a beleza naquilo...**

**Jorge Mautner** – A beleza do povo brasileiro. Que aqui é que vale a pena existir. Que a Europa fez aqueles livros todos, mas fizeram campos de concentração... Verdadeiro entusiasta.

Thiago E – **Durante a escrita do livro, tu reescreveu alguma coisa?**

**Jorge Mautner** – Não. Aí é que tá: nada reescrito. Havia outra coisa gozada. Hoje em dia eu faço muito berço, mas... [*gesticulando pra baixo, decisivamente*] ...é intocável! A literatura é sagrada! No momento em que eu escrevo, mesmo o erro que eu fiz eu não posso apagar – tem de ser mantido. Tem trechos do livro em que a palavra sai errada. Eu ia escrever, sei lá, "automóvel", sai "autilúmil". Mantive a forma errada e, entre parênteses, tinha: "tive que manter essa forma errada pela autenticidade total..." Então, é exagero, né? Mas, tudo bem, tem isso [*risos*]. E depois tem a outra coisa que as coisas vêm num caudal. Quando eu vou fazer uma história, é claro, cê fica pensando, se influenciando... Chega uma hora que tudo se junta e forma um todo que sai... Que nem toda letra, poesia, tem sua música. Mesmo a música tem uma música por dentro. E na totalidade tinha essa musicalidade e essa autenticidade louca que inclusive eu não sei nem como eu não fui processado porque eu publicava cartas de amor e tal com o nome das garotas – e é tudo verdade aquilo, tudo, tudo ali ocorre! Então era um exagero de Existencialismo praticado... Um brasileiro influenciado por uma linguagem indígena – assim como Flávio – e mostrando a Nova Era, a Nova Coisa, situações simultâneas, trazendo histórias que têm três fins, você escolhe. Mas principalmente mostrando a importância da arte que era considerada popular... e ela é igual à arte a mais fina. Então Mozart igual Pixinguinha, Noel Rosa... a literatura não tem diferença. E essa proclamação de influências, da música caipira... importantíssima, né. Era um preconceito muito grande que se tinha. Eu citava autores estrangeiros, mas sempre pra mostrar que a cultura dos países – que não o nosso – era, de certa forma, um pouquinho menos impressionantes do que nós [*risos*]. Eu chego a

afirmar assim num momento de ópio, imagina... (eu tinha conhecimento erudito, alemão, Beethoven, Mozart...) "Araci de Almeida é igual Beethoven, embora ligeiramente superior". [gargalhadas].

Thiago E – **Pôs no Bilhetes do Kaos, né?**

**Jorge Mautner** – Deus da Chuva e da Morte.

Thiago E – **Exatamente, claro, mas tu pôs também no Bilhetes do Kaos.**

**Jorge Mautner** – Ah! Tem, pus também, claro! Insistência. Veja bem: o Otto Maria Carpeaux ele tem o História da Literatura... geral. Então, nela, ele começa descrevendo Dostoiévski. Aí diz: "Ele, apesar de gênio, ele é um panfletário! Ele tem uma obsessão de querer acabar com todas as culturas dos outros países e impor o pan-eslavismo". Ele acha. E é verdade, né? [risos]. Então eu me sentia assim: querendo impor o pan-brasilianismo [gargalhadas]. O ódio de todas as comparações anteriores. Porque eu estudava também no Colégio Dante Alighieri e tinha um tom, naquela época de 40, 50... de enchimento de tudo que era brasileiro... Era impressionante! As pessoas "de bem", de elite, diziam assim: "De brasileiro basta eu." Pra dizer que era ruim e que tudo tinha que vir do estrangeiro [gargalhadas]. Não é fantástico?! Isso nas elites e tudo. Hoje em dia ainda tem isso. Tem resquício muito forte disso em vários lugares... uma vontade de ser como suíço... E eu que vinha de lá... veja que bobagem. Como eu estudei no Dante Alighieri tinha isso geral. Não era só no colégio. Eram preconceitos que hoje em dia não são admitidos mais, que eram praticados naturalmente. Isso revoltava a sensibilidade de qualquer poeta, então, imagina, daí que eu fiz esse Partido do Kaos pra poder guilhotinar meus colegas [gargalhadas].

Thiago E – **Mautner, pra encerrar o Deus da Chuva e da Morte: como foi que tu conheceu o Rock? Porque ele percorre o livro todinho... A insistência do Rock, o Rock tá ali no livro inteiro...**

**Jorge Mautner** – E o samba também, a música caipira...

Thiago E – **Exatamente. Mas, o que eu fiquei mais impressionado, foi o seguinte – tu, no primeiro livro, nos anos 50, já na insistência do Rock...**

**Jorge Mautner** – Exatamente.

Thiago E – **...no livro. Era o momento de outras coisas. Até mesmo antes das grandes bandas de Rock. Então eu queria que tu falasse um pouco sobre o Rock e como se deu a premiação com o Prêmio Jabuti.**

**Jorge Mautner** – Ah, tá. O Rock era isso aí. Era a visão dos Estados Unidos mais próxima da literatura americana. Eu gosto muito do Jack London, que aprendera a ler bem tarde e se transformou num grande escritor... Toda a Geração Beatnik... Na verdade eu sou devorador de livros, então aquilo é uma visão... Ela não é culturalista, no sentido estrito da palavra, mas uma que é emoção superior... Então é um culturalismo romântico da amálgama brasileira. Então, todos os aspectos: inclui, inclui, inclui. Inclusive manter o erro é um aspecto desses. Você me perguntou...

Thiago E – **Sobre o Rock. Como o Rock foi parar no livro.**

**Jorge Mautner** – Ah! Porque eu comprava tudo que é disco, né. Então eu tinha verba ilimitada do meu pai pra comprar todos os discos e teatro, cinema, tudo, tudo e livros. E aí fui ouvindo. Eu ouvi uma vez no rádio, era o Little Richard, depois com a Jayne Mansfield... eu adorava aquela música... totalmente, né. E se parecia com os sambas que eu gostava – Nelson Cavaquinho... que é o blues, né. E tinha uma visão que o Rock brasileiro era mais alegre. Veja que incrível, Roberto Carlos e Erasmo e... também já relia. Aquele Rock tristíssimo e trágico, mas trazia também uma alegria, que é a mesma coisa do desvelamento. Eu cantei como cantor de Rock enquanto eu escrevia o Deus da Chuva e da Morte. Eu cantava – [*gesticula como se estivesse tocando violão*] aprendi três acordes e comecei a cantar. E como eu falo inglês, alemão... um cara de uma pizzeria teve uma idéia de me apresentar lá. Falei: “Tudo bem!” ...o primeiro cachê – eu tinha 16 anos... Aí quando eu cheguei tava entupiiiiido! Tava anunciado: “GEORGE...” (George com G-E, que meu nome é George Mautner) “CANTOR do MISSISSIPI DE ROCK... VAI CANTAR”. Pô! Quando eu vi aquilo eu falei: “Meu Deus!” Eu vi depois porque... primeiro eu tinha visto, mas falei: “Deve ser algum erro”. “Não, não, deixa o pessoal...”. Me senti mal, mas o cachê, tal, e a primeira vez. Aí tinha um cara, um senhor mulato muito elegante conversou comigo antes: “Olha, me desculpe Sr. George...” (eu também fazia calouro, imitava o Jorge Veiga) “...o Sr. não é americano. Eu dou aula de inglês, você fala muito bem, mas não é”. Coitado! Ele foi quase trucidado! O cara

vendeu todo o show sendo eu o americano do Mississipi. E eles queriam bater nele! Ele foi escurraçado dali... bateu... Mas eu pedi, claro. Toquei, foi o maior sucesso lá [gargalhadas]. Tem experiências incríveis assim.

Thiago E – **Mas ele descobriu, né?**

**Jorge Mautner** – Esse descobriu. Os outros não quiseram brigar... Quer dizer, a jogada foi do cara que comprou o show... Mas sempre tivemos reuniões, manifestações. O próprio Partido do Kaos, fizemos lá um desfile com archotes pela Rua Augusta... Que nem os dadaístas, nós descobríamos palavras: VIDROPRAPAÍSTAS – é, palavra sem sentido, mas o acaso escolheu e sempre tentávamos. Nós chegamos a pichações em muros também. E já em 62, inclusive é a publicação do meu livro. E tinha muita atividade política. Mas nós tínhamos 2.000 partidários e o Partido Comunista sofre com a minha pessoa e com o Aguilar, que ficou... Outra coisa interessante é que aquela época é muito turbulenta. Você tem guerras, né? Em breve você vai ter um governo de exceção. E, na poesia, também os poetas, todos os poetas: Roberto Piva, Lindolf Bell... – seja no Rio ou em São Paulo – liam livros de filosofia. Era um após-guerra ainda. ...e tinha a guerra ali adiante... e tinha apesar da ameaça da guerra total – a MAD, *Mutual Assured Destruction* – Destruição Mútua Assegurada. Isso que manteve a paz: a possibilidade dos dois, União Soviética e Estados Unidos, terem armas tão poderosas que, se comesçassem, acabava tudo. Então por isso que não começavam [risos]. Imagina só. O Mário Schenberg entrou porque ele mostrou no livro (ele sabia... tudo, fez comentários incríveis), ele disse: “É mais Nietzsche caótico”. Mas ele veio com um livro, Tao Te Ching, do Lao Tse. E outro escritor, Christopher Caudwell, que era um escritor jovem, filósofo... Ele morreu na Guerra da Espanha muito jovem... 26 anos... algo assim. Ele escreveu um livro chamado O Mito do Século XX, em que ele dizia que “o Marxismo, a Revolução Marxista, seria tão forte que nenhum estilo serviria pra ele – nem idealismo socialista – mesmo o Surrealismo, o Cubismo, o Futurismo... O que se necessitava era de uma nova Mitologia!”. Ora, eu tinha sido descoberto pelo Vicente Ferreira da Silva, Paulo Bonfim, Guilherme de Almeida, Câmara Cascudo... e adorava o Mito. Mas a Esquerda não falava em Mito, ao contrário, ela é desmitificadora. Mas eis que de repente o Mário Schenberg, que Einstein disse: “Mário Schenberg é o único que pode continuar a minha obra”. Olha que coisa. E ele preferiu ser educado pelo o Partido Comunista de Pernambuco. Então esse era além. Ele dizia “Não, não, esse negócio de regime socialista, membro lá dos CPC’s... Aqui nós queremos é uma

nova Mitologia". Então era interessante. Tanto os não-comunistas como os comunistas queriam uma Mitologia. O Brasil não exige Mitologia nenhuma. O Macunaíma é Mitologia, né? [risos]. Enfim, eles estavam certos – toda a Arte Moderna. Estávamos numa época... Veja bem: essa amálgama de José Bonifácio, esse Modernismo, essa atualidade do Brasil sempre existiu – desde os ancestrais indígenas. Padre Antônio Vieira já diz isso: "nem tanto ao mar, nem tanto à terra". Porque vai muito ao mar e vai muito à terra. E todo tempo é isso. Seja por parte dos músicos populares, da música caipira, do baião, do xote, das nações de maracatu, dos candomblés... são riquezas que vivem no mundo do paganismo helênico. E mais ainda: toda nossa paisagem é mitológica. O mito não é uma coisa penca. Inclusive volta de novo à literatura indígena: Mitologia do Kaos. O Mito ele é libertador porque ele tem várias leituras. Inclusive tem vários mitos que têm várias saídas: tem um fim, tem o outro, pode ser o outro. Inclusive o... Poxa, esqueci o nome... ele morreu agora... da USP. Ele dizia dos implantes dos neurônios... que, tudo bem, vão modificar o ser humano, vão acoplar os implantes nos neurônios ligados à internet, depois vai longe. Enfim, a reconstrução do ser humano. Uma longevidade... Enfim, você vai viver isso. [gargalhadas].

Thiago E – **Você também, Mautner.**

**Jorge Mautner** – Ah! Não. Eu vou repetir o filho de um amigo meu – o Ottaviano de Fiore, da Editora Abril – o Juliano, ele falou assim: "Pô, pai! Que sacanagem eu pertencer à última geração dos mortais!" [gargalhadas]. Mas enfim, eu tava falando dos implantes...

Thiago E – **É que eu tava te perguntando sobre o Prêmio Jabuti...**

**Jorge Mautner** – Ah, então eu fui apresentado pro Paulo Bonfim pelo João Quartim de Moraes. Ele era professor de grego na Unicamp. Ele me levou pro Paulo Bonfim e as conversas lá com o Vicente Ferreira da Silva – Ficávamos lendo, lendo as obras todas. A gente lia muito o Mircea Eliade – e eu recomendo o História das Crenças e Idéias Religiosas.

Thiago E – **E o Piva também...**

**Jorge Mautner** – É! Imagina... o Piva também freqüentava lá, né. Aí eu recebi o Prêmio Jabuti em 1962.

Thiago E – **Mautner, mas como foi essa premiação? Teve alguma cerimônia, algum encontro?**

**Jorge Mautner** – Teve. Teve porque meu lançamento foi precedido por grande publicidade. E é natural porque, nos jornais, era um livro enorme falando da Nova Era. E os jornais logo se interessaram porque tratava de assuntos os mais variados, né. Daí eu ganhei o Prêmio Jabuti. Surpreendente pra idade que eu tinha, como primeiro livro...

Thiago E – **Escrito aos 15 anos.**

**Jorge Mautner** – Exatamente. E aos 18... Em 1958 é que o Vicente Ferreira da Silva tem em casa o Deus da Chuva e da Morte. Em 62 é publicado o livro e foi uma emoção muito grande de receber esse prêmio, né, imagina. O que eu errei é que, ao receber o Prêmio Jabuti, eu poderia ter sido logo Funcionário Público Letra O. Aí eu, estúpido, recusei.

Thiago E – **Mas o que é um Funcionário Público Letra O?**

**Jorge Mautner** – Funcionário Público Letra O tinha vida mansa, dinheiro. Imagina, era logo aposentado. Porque todo escritor tem essa, né... Reconhecido. E eu, burro, queria trabalhar que nem escritor americano. Inclusive, no Partido, quando eu entrei, o Mário Schenberg vinha: "Quá!quá!quá! O Mautner quer infiltrar uma fábrica! Não faz mais isso!" [*gargalhadas*]. Mas era assim...

Thiago E – **A gente já tá aí no começo dos anos 60. E, em 64, tu é preso...**

**Jorge Mautner** – É. Não... É mais complexo. Eu tinha uma coluna diária no Jornal Última Hora. Era o Comitê Central do Mário Schenberg, ligado à célula dele com Dulce Maia – minha grande amiga, foi a mais torturada, depois desses acontecimentos – e o Aguilar. Nossa célula no início tinha o Mário Schenberg, claro... nós éramos da célula do partido. E a nós cabia só ideologia. E tinha um israelense que era do Partido Comunista, mas ele não falava português – só alemão ou hebraico. E todas as nossas reuniões de células – todas! – eram lendo e eu traduzindo pro Aguilar, do alemão pro português, poesias do Bertold Brecht. Então era maravilhoso... nossas reuniões... [*risos*] É, reunião Mitológica... entre aspas,

dos “superiores” [*risos*]. Então só líamos Brecht, Bertold Brecht. Ele depois fugiu... Você me perguntou do 64...

Thiago E – **64... a prisão.**

**Jorge Mautner** – Mário Schenberg era consideradíssimo. Eu tinha uma coluna então dizia tudo – o tipo de loucura da época. Escrevia, tá, tá, tá, no jornal... E os Comitês de Caça aos Comunistas me tinham em primeiro lugar. E como eu fui descoberto pelos ídolos do Segundo Exército (Vicente Ferreira da Silva... todos da Revista Diálogo... E era uma facção de Fenomenologia contra o Estruturalismo da USP, essa coisa toda) ...todos fugiram! Menos eu, o Aguilar, ficou lá, e o Mário Schenberg. Tinha um carro assim parado na frente e baixa um jipe militar, um capitão, e disse assim: “Vamos. Eu vou levar você pra uma fazenda.” Aí minha mãe: “Vão maltratar meu filho!”. “Não, não, nós viemos aqui protegê-lo”. Então eu fiquei hóspede do Segundo Exército durante três meses na cidade de Barretos. E eles: “Olha, nós apanhamos o Sr. Nós precisamos conversar. Nós sabemos que o Sr. é um escritor que ama o Brasil, proclama que daqui nascerá a Nova Coisa e isso é o principal. Esse comunismo aí é uma coisa passageira, de sua juventude, que aliás tem origens mais antigas, vem lá de Jerusalém...” Ó! [*risos*]. “Nós vamos levá-lo pra Barretos porque nós temos medo que o senhor seja apanhado pelo Comitê de Caça aos Comunistas no qual o senhor tá em primeiro lugar aqui. Aí nós não controlamos essas forças e você fica aqui uns 2 ou 3 meses até tudo se aquietar...”. E me levaram. Não resisti à prisão. Ele foi elegantíssimo. Me trataram muito bem. Tinha uma colônia japonesa em Barretos, naquela época, mas não tinha sushi, só tinha sukiya... Aí, sukiya, sukyia, sukyia... E era maravilhoso. Tinha cavalo, me levavam pra passear e eu ficava discutindo todas as noites com um montão de oficiais do Estado Maior, do Segundo Exército sobre idéias. Então volta de novo – a história do mundo, com enfoque na história do Nazismo... detalhes... Eles adoravam filosofia, Heidegger, eles gostam muito, eles são muito inteligentes... e ficavam falando. Eles disseram o seguinte: “Você vai voltar. Agora não tem esse medo. Mas nós recomendamos que você não escreva nada a favor...

Thiago E – **Do Comunismo...**

**Jorge Mautner** – Exatamente. Mais ainda: “Você pode até falar teoricamente, mas não pode nada se defender de tomarem armas...”. Aí... “Tudo bem, tudo bem”. Aí publiquei dois livros: o Vigarista Jorge, que não é auto-biografia [*risos*], que tem

prefácio de Mário Schenberg, onde ele me coloca como pensador, e o disco que eu lancei – com Não, Não, Não e Radioatividade – pela RCA Victor. Uma música era contra a bomba atômica e a outra falava da miséria... tem até uma frase...

Thiago E – **Discriminação da mulher...**

**Jorge Mautner** – Isso! Discriminação... E tinha “Jesus tinha fome, não tinha o que comer”. Eram coisas assim. Aí quando saiu pra sociedade civil, entrou no processo, queriam me prender, íam me indicar mesmo porque era subversivo. Recolheram! Tem o Dops, recolheram lá. Não sei se você tem aquela caixa amarela do Mitologia do Kaos...

Thiago E – **Tenho, tenho.**

**Jorge Mautner** – Então tem lá, tem o Dops, apreenderam. Aí tinham uns dias pra defesa, colocar aqui na Lei de Segurança... Aí logo o Consulado Americano: “Não, você pode vir aqui pra sua acolhida...”. Então eu já tinha publicado, em 62, o Deus da Chuva e da Morte; em 63, o Kaos com K; em 65, o Narciso em Tarde Cinza e o Vigarista Jorge... E já era conhecido, muito precoce, por literatura e música. Cheguei até a estreiar, toquei a primeira vez com Jorge Ben e o... Meu Deus, aquele que foi... que fizeram o filme dele a pouco tempo... esqueci o nome...

Thiago E – **Mas, quem? Dessa época dos anos 60?**

**Jorge Mautner** – Aquele que foi acusado...

Thiago E – **O Simonal?**

**Jorge Mautner** – É! O Simonal! O Simonal... Aí eles se admiraram: “Pô! Simonal e Jorge Ben, aê, é a música negra, olha lá!” [*risos*]. Mas isso foi suficiente pro Dops chegar e apreender tanto o CD quanto o livro aí eu fui pros Estados Unidos.

Thiago E – **Mautner, mas quando tu é exilado...**

**Jorge Mautner** – Continuei no Partido e tudo...

Thiago E – **...tu foi porque tava aqui uma pressão ou tu foi pra evitar...**

**Jorge Mautner** – Não, eu seria preso. Pra evitar é melhor me exilar.

Thiago E – **Iria ser de fato preso?**

**Jorge Mautner** – Sim, sim. Por causa dessas coisas. Se permitissem com esse exemplo de livro que fala... No meu livro, eu tenho, as pessoas vão pro mato, pegam armas, arame farpado, é tudo... [*gargalhadas*]. É uma coisa que cê pode dizer: “Ah! É ficção!”. Mas, no caso, eles tinham avisado.

Thiago E – **Eles não tavam ligando pra essa teoria literária. Quando botou Vigarista Jorge, tu já tava sujo.**

**Jorge Mautner** – Jááá! Imagina, eles queriam tudo.

Thiago E – **Tu vai para os Estados Unidos. Lá tu vai ser Secretário Literário do Robert Lowell.**

**Jorge Mautner** – Isso! Trabalhei muito tempo... nas Nações Unidas, na UNESCO. Secretário do Robert Lowell eu me tornei em 68.

Thiago E – **Mas eu nunca entendi o que faz um Secretário Literário.**

**Jorge Mautner** – O Secretário Literário é o seguinte... O Secretário Literário do Thomas Stearns Eliot era Ezra Pound, o Secretário Literário de Ezra Pound era Robert Lowell e eu era secretário dele. Era mais uma... Cê fica conversando. Não é um secretário que vai bater máquina. Na verdade seria um assessor de conversas. Todos eles se tornaram poetas, né. Mas aquilo foi mais pra me dar um visto de permanência também... eu acabei trabalhando com ele. Ele me conheceu numa conferência em Caracas, na Venezuela, em 68. E todos os países representados, menos Cuba, né. Foi ali que ele me descobriu. Eu falava da Revolução com Trotski, colocava a simultaneidade... Ele era muito interessado no mistério do Brasil – tanto que ele lia a Guerra de Canudos, do Euclides da Cunha, no original... ficava lendo na secretaria e queira que eu explicasse certas frases. E ele nunca viu igual, imagina, ele lia tudo! Admirava e admirável! Tanto que eu fui levá-lo pra ver o Glauber Rocha dizendo que o Deus e o Diabo na Terra do Sol tinha algo a ver, mas ele era muito rigoroso, falou: “Não, não vi nada...”. Porque é ficção – visões diferentes [*risos*], e várias outras coisas. Mas eu ligava logo. Eu fiquei amigo dos

grupos lá... da esquerda americana, né, tudo, tudo. Particpei de passeatas em Washington. E sempre recebia visitas do Roberto Schwarz uma vez por mês. E o Partido Comunista no Brasil se retirou numa espécie de Cruz Vermelha ajudando ali ajudando aqui, mantendo funcionários públicos... como Ferreira Gullar... uma série de... Não era tipo guerrilha. Tudo se formava por causa disso – mesmo os cristãos, A.P. (Ação Popular), tudo. E lá recebia visita do cara também do SNI [*Serviço Nacional de Informações*]. Eu era conhecido como escritor. O cara se fingia de meu fã, dizendo como é que tava...<sup>1</sup> Aí eu ficava assim fazendo aquilo lá, numa célula que se discutia tudo. O tempo todo é isso. Até em 69 encontrar Gil e Caetano.

Thiago E – **No final dos anos 60, que tu tava nos Estados Unidos, aqui tava acontecendo o Tropicalismo.**

**Jorge Mautner** – Isso.

Thiago E – **Mas houve alguma ligação tua direta com o movimento aqui?**

**Jorge Mautner** – Direta não houve. Houve indireta e bem presente porque eu havia lançado Os Mutantes, que se chamavam O'Seis, e eles falavam de mim pro Gil e Caetano. E também o Agripino de Paula, escritor muuuito amigo meu, ele ficou, trabalhava com eles e também falava. E mais ainda: o Rogério Duarte, já em 62, 63, ele contribuiu e eu conheci a irmã do Glauber Rocha, Anecy Rocha, e ele levou o livro pra Maria também, e a Maria e o Glauber também conheceram. O Glauber tem uma frase que diz: "Se eu fosse me definir, eu diria que sou do Kaos com K do Jorge Mautner. Isso é – se ele o permitir." Na outra ele dizia: "Iih! Lá vem o chato do Jorge Mautner!" [*gargalhadas*].

Thiago E – **Nessa época não houve ligação porque tu vem a conhecer o Gil e o Caetano depois.**

**Jorge Mautner** – Sim! Mas eu sabia de tudo!

---

<sup>1</sup> No exílio, em Nova York, Mautner era procurado toda hora por um sujeito dizendo gostar do seu trabalho. Jorge continuou suas atividades políticas nos EUA e reunia-se com os Students for a Democratic Society, os Panteras Negras e outros grupos. Ruth, sua esposa, já o alertara dizendo haver algo estranho com esse sujeito que o seguia. O cara disfarçava bem, o conhecia e tinha muitas informações artísticas, literárias. Até que, em 1985, já no Brasil, durante um show, o tal sujeito procura Mautner e revela que, naquela época, ele estava em missão pelo SNI e acabou virando seu fã.

Thiago E – **Sabia do que tava acontecendo...**

**Jorge Mautner** – A gente lia os jornais todos e sabia o que tava acontecendo.

Thiago E – **Tu acha que não houve uma ligação direta contigo aqui no Brasil justamente pelo fato de tu tá fora, exilado?**

**Jorge Mautner** – É! Exatamente. Eu acho que sim. Porque, se não, nós teríamos... teria sido mais rápido, claro. Mas eu tô dizendo que tanto o Kaos com K, quanto o Tropicalismo, a Antropofagia do Oswald de Andrade, o Humanitismo – personagem do Machado de Assis – tudo isso é a Amálgama. Em plenitude, tudo. Então, na verdade nós estávamos em territórios muito longe e o nosso encontro foi até hoje.

Thiago E – **Mautner, eu queria que tu falasse um pouco sobre tua aproximação com o Roberto Piva. Porque tristemente ele acabou morrendo este ano...**

**Jorge Mautner** – Claro... morreu este ano... exatamente.

Thiago E – **E no livro Trajetória do Kaos [Ed. Azougue - 2002, RJ], sobre tua vida, ele praticamente abre o livro dizendo: “Eu, Jorge Mautner, Claudio Willer, Rodrigo de Haro, Roberto Bicelli, Raul Fiker, sempre acreditamos no desregramento de comportamentos. É por isso que sempre tivemos choque com a esquerda e a direita. Diziam que éramos loucos, depravados, anarquistas” – sempre com esse comportamento.**

**Jorge Mautner** – No livro, o Piva escreve, né?

Thiago E – **Tem, tem – tem uma introdução e, no fim, uma citação do Piva.**

**Jorge Mautner** – O Piva fez um poema lindo pra mim, que eu vou publicar agora. Mas é o seguinte. Tinha o Partido do Kaos, em 56, e eu conheci o Piva em 57. Em 58 nós fizemos uma manifestação poética também lá no Parque Trianon onde tem o Fauno do Brecheret. Mas acontece que tinham vários grupos: tinha o grupo do Kaos e tinha o grupo do Piva, do qual faziam parte o Willer e outros poetas... Roberto Bicelli e outros poetas... Lindolf Bell. Mas eles brigavam muito porque eles eram surrealistas radicais. E eles gostavam muito de mim, mas até um certo ponto

porque... era um fervilhamento de poesia (então tinha os Concretos, nas reuniões, falando, tudo). E eles também conseguiram fazer uma manifestação surrealista: "Não, você tem que vir..." – "Mas eu não sou surrealista..." – "Mas você tem que ir...". Então eu fui lá e, na época, tinha Jânio Quadros. E eu fui vestido de Jânio Quadros, uma gravata, terno e eu comecei a falar como ele. Pra eles isso foi uma ofensa! Mas era o Surrealismo! E eles não compreenderam [*risos*]. Depois nós brigamos. Eles me enterraram simbolicamente assim com esquite. Sabe essa coisa amigos e inimigos? Mas, mais amigos [*risos*]. Mas a turma do Piva tem uma característica de anunciar coisas, informar, por exemplo: os Beatniks tavam surgindo – eles informavam como vinham, a influência Beatnik... Mas o Beatnik é aberto, o Surrealismo é que é fechado. O André Breton expulsava quem – ele não deixava entrar no castelo dele, era castelo, ele lidava com mãos de aço... Se você lesse Dostoiévski, você era expulso! Falar em Jesus de Nazaré? Nossa Senhora! ...era mais do que expulso [*risos*]. Entende? Eles eram muito... Os Beatniks não. Mas o Piva era surrealista então tinha dogmas de ateísmo, dogmas de não sei o quê. E depois do que eu fiz, com 15 anos, o Surrealismo clássico... Ah! E as idéias do exterior pra cá – como um embevecimento. As notícias do exterior que eu pegava, de toda literatura mundial, estavam submissas ao conteúdo brasileiro, eram inferiores... "Araci de Almeida é igual Beethoven, embora ligeiramente superior..." Isso é o tempo todo. Então o meu prazer é trazer informações de todos os outros povos e mostrar como já sabemos disso melhor ainda [*gargalhadas*]. Então isso é a grande diferença. E provocava grandes brigas também, né? Em 58 eu faço A Bandeira do [Meu] Partido, né. Tinha uma visão que, por ser São Paulo, ser muito urbano, eles não tinham, por exemplo, a música caipira. Tinha o sítio lá do meu padrasto em Avaré... eu sempre gostei, era questão de se identificar. Eles não, era só com Jazz. Eu via Araci de Almeida, Luiz Gonzaga, Jackson do Pandeiro, toda a música popular. Então tinham coisas que eram nossas diferenças... Mas, grandes amigos. Tudo sempre falei. Era o Existencialismo.

Thiago E – **Então existia de fato um grupo paulista.**

**Jorge Mautner** – Ah, existia. O grupo do Piva, sim! Inclusive eles eram muito rígidos. O próprio Willer – por sua vez ele também fala alemão – ele lia o Husserl, né – Fenomenologia alemã... Ele fazia questão de ser muito, muito exato. Cê entende, né? Porque eles fizeram leninismo estético [*risos*] pra impedir os desvios [*risos*]. E ao encontrar Caetano e Gil tivemos a felicidade pra sempre. Nós trabalhamos juntos. É a mesma crença, é a mesma descoberta. Nossa conversa é

interativa, de informações. E tanto que eles estavam exilados também... A figura da Violeta Arraes... A esposa do Miguel Arraes, Helena, também falecida. Ela ficava tomando conta em Paris de todos os que chegavam: guerrilheiros torturados, libertados na troca com reféns... ela fez e tudo. A primeira coisa, quando via uma mulher torturada, ela afastava os grupos de esquerda, que vinham com ânsia de querer interrogá-la, e ficava um mês com a menina torturada pagando massagens, alta moda... pra ela se sentir... Era uma pessoa formidável! Mas de repente estávamos na Catalúnia – eu, Caetano e Gil e ela também – e ela disse assim: “Houve uma notícia muito terrível... Você sempre pergunta se pode voltar pro Brasil – Gil e Caetano – e sempre é *não!*. Pela primeira vez a resposta é *não só podem, como devem voltar*. Porque... (era Castelo Branco e, o ministro, Garrastazu Médici). “Porque o povo não acredita que vá democratizar e o que tem é uma guerrilha inócua, no máximo ela é ruim, mas nenhum partido, nem os nossos, acreditam. Então só através da voz dos intérpretes, Caetano e Gil, é que o povo brasileiro vai acreditar que vai redemocratizar”. Então foi por isso que voltamos. E foi isso. Todos os festivais, todos... porque, veja bem: em 73, tinha a Phono 73, que é a própria Universal e se chamava Poligran. Então, oficialmente, vocês podem até colocar, vale a pena... Não tinha DVD, mas filmaram, e o Chico Buarque de Holanda, mimetizando a censura, ele só murmura o Cálice. E o Gil, bem na frente dele, ostensivamente gritando “Cale-se! Cale-se!”. Isso era impensável, era tudo isso pra redemocratizar. Em seguida, no mesmo ano, tem o show dos Direitos Humanos nas Nações Unidas, no MAM... A partir daí tudo que fosse festival, até Águas Claras, que foi o máximo disso, era tudo preparação pra democracia. A inteligência do Exército é genial porque eles levam a sério Gilberto Freire e todas essas coisas e sabem que metade dos dias do ano no Brasil colônia era feriado para que a Casa-Grande pudesse assistir à Senzala e seus espetáculos de capoeira em que o cara gingava em Nagô com o Português, mas ele achava engraçado. A conscientização era feita pelos intérpretes dos batuques, dos chocalhos indígenas pra existir a concórdia. Era mais que catarse. Os próprios proprietários de escravos sabiam que tinham vários filhos legítimos que eram capatazes. Certas coisas todo mundo sabia, mas ninguém falava. Outras, a senzala sabia antes que a casa-grande soubesse... que aconteciam lá. E, nisso, metade do ano: tentanças, os intérpretes com certas indiretas do pró-martir, e tudo... o princípio é assim. O Brasil é um dos maiores mistérios do mundo por isso. Então essa tradição não só de catarse, mas de comunicação que de repente o patrão não é mais patrão, mas um ser humano animal é que permeia a nossa existência.

Thiago E – **Mautner, eu comecei a falar do Piva porque no livro Panfletos da Nova Era tu homenageia várias pessoas e o Piva tá lá no meio...**

**Jorge Mautner** – Claro, claro...

Thiago E – **E tu acabou falando: “Viva! Viva! Que apesar de já citado Roberto Piva, poeta por mim laureado, coroado, coitado...”**

**Jorge Mautner** – [*gargalhadas*] É isso mesmo! É isso mesmo! Eles não tinham muito humor, assim, sabe? Eu tinha muito humor, mas a ideologia... Que antigamente os intelectuais eram mais sérios... eles não tinham muito humor.

Thiago E – **Mas eu acho também que havia uma certa necessidade de ser daquele jeito...**

**Jorge Mautner** – Tinha, tinha! E um formalismo maior... Cê tem razão. Exatamente.

Thiago E – **E também lá no Panfletos da Nova Era tu também homenageia Torquato Neto. E ele é muito lembrado aqui na cidade...**

**Jorge Mautner** – Imagina... Torquato é o máximo.

Thiago E – **E tu fala: “E viva Torquato Neto! Que embora suicida, foi um poeta tão direto e completo que, pra mim, ainda vive a sua vida”.**

**Jorge Mautner** – Exato.

Thiago E – **Eu queria saber como foi o teu contato... Se houve...**

**Jorge Mautner** – Houve porque eu voltei uns seis meses antes de Gil e Caetano, em 72, e logo conheci pessoalmente o Torquato. Aí nós tivemos conversas e tudo, vários planos. Inclusive ele escreveu coisas sobre mim, a Ruth, minha esposa. Eu gostava muito dele, mas ele sumia... ele tinha crises de melancolia. Aí eu viajei pelo Brasil e soube do suicídio dele que foi logo muito cedo. Então eu tive pouco tempo de convivência pessoal com ele. Mas os encontros sempre foram ótimos, né? Hélio Oiticica também, né, e Caetano, Gil... Se cê quiser, cê pode dizer, sei lá, ele

já podia tá numa esquizofrenia... naquela época não tinha medicina pra isso... Mas por outro lado era uma opção por essa melancolia muito grande, né, poética... chegou a criar uma escola literária e filosófica, né... a melancolia, o martírio, o tédio...

Thiago E – **Ele dizia “vivo tranquilamente todas as horas do fim”.**

**Jorge Mautner** – É, exatamente... “todas as horas do fim”. A diferença é que eu tinha uma tristeza também, já falamos lá no início, mas ela se transformava em fúria, claro [risos] Pra não deixa o Holocausto acontecer [gargalhadas]. Ter mais mil células possíveis com contrários... O Koellreutter... Conhece o Koellreutter?

Thiago E – **Não...**

**Jorge Mautner** – Um grande músico alemão. Ele veio pra cá. Ele deu muitas aulas pra músicos brasileiros Ele tava na Alemanha e ele disse que a única maneira de enfrentar o Nazismo não era no plano político, com diálogos políticos. Ele já era muito além do político... Era a arte! Então aquilo era estética, emoção... dirigida com forte... perfeito. Então ele dizia que os grupos, células que poderiam derrotar o Nazismo... só células culturais que fossem mais fundo na estetização e na profunda religiosidade e que fossem humanistas é que podiam destruir aquele Terceiro Reich... Fantástico, né?

Thiago E – **Fantástico.**

**Jorge Mautner** – Ele veio pra cá, chegou e... maravilha [risos] E, nesse teor, o Kaos...

Thiago E – **Falando um pouco sobre tua parte envolvida em cinema. Quando tu roteirizou o filme Jardim de Guerra.**

**Jorge Mautner** – Isso. O argumento é meu – todinho.

Thiago E – **Exatamente, o texto, com direção do Neville D’Almeida. A pergunta que eu tenho pra fazer é a seguinte: Jardim de Guerra foi campeão de censura, cortado em muitas partes, e eu queria que tu fizesse**

**um paralelo entre o que vocês sentiam na época, quando vocês fizeram o filme, e como ele repercutiu politicamente no Brasil.**

**Jorge Mautner** – Olha, aquele recado que eu te dei que tanto pediram pra voltar pra acelerar... O Brasil é um continente. O regime militar, um dos motivos dele acabar, o principal foi esse. Mas um outro, estrutural, é que cada delegacia não recebia... O 1º comando não passava pro 2º escalão, nem a polícia – se tornavam autônomos devido à imensidão do continente... Mas você me perguntou como é que era a ditadura...

Thiago E – **O que vocês estavam sentindo quando vocês fizeram o filme Jardim de Guerra...**

**Jorge Mautner** – Ah, sim! Ao fazer o filme eu avisei pro Neville. Eu escrevi o argumento e o meu argumento final – as pessoas iam presas, claro, porque era provocação, mas em seguida vinha o Exército Americano e libertava todo mundo. Aí daria um aval [*gargalhadas*]. E ele não fez esse fim – fez um fim trágico, meio Che Guevara, né. E eu falei: “Não faça isso!”. Porque, né, eu sou escaldado. [*gargalhadas*] Depois daquilo tudo... Aí eu falei: “É só botar um finzinho assim que seria um “Aahhh!” [*abrindo os braços*]. Né? Não, não foi. Foi censurado e mais censurado e tudo por isso.

Thiago E – **Mas vocês chegaram a brigar?**

**Jorge Mautner** – Não, não, imagina, imagina. Imagina... eu vou brigar? Só em defesa própria e brigar pra atacar o Nazismo. O resto, a gente... [*gargalhadas*]. Eu falei “Oh, minha opinião? Minha opinião é essa”. Ele andou pensando, mas depois ele decidiu manter...

Thiago E – **Tu tava com a perspectiva mais prática da coisa...**

**Jorge Mautner** – Claro, claro.

Thiago E – **...e ele tava com uma perspectiva mais estética e...**

**Jorge Mautner** – Estética. Isso. E como sempre acontece... Eu desde criança fui acostumado a saber como o Estado pensa, como a polícia pensa, o que as

autoridades pensam... pra eu poder pensar [gargalhadas]. O Ministro da Justiça do Getúlio Vargas, Ministro da Polícia, né, Danton Coelho dizia: "Vocês pensam que vocês pensam, mas quem pensa aqui sou eu" [gargalhadas]. Então havia tudo isso. E o primor da história da Polícia Secreta é o criador dela. A Polícia Política era uma Secretaria – depois ela se transformou em Ministério poderoso na Revolução Francesa com José Fouché. Tem até um livro do Stefan Zweig sobre o José Fouché, genial... passa toda a Revolução. Então a gente estava sempre a par, imagina, dos acontecimentos. A minha literatura, como a de Dostoiévski, a do Otto Maria Carpeux, é pra mudar as consciências e incendiar as pessoas e transformar o mundo. Eu gostava de um poema do Brecht que dizia assim... não é literal, mas... "Aonde eles mandarem, ali estará a rebelião. Aonde ele já não estiver, lá já está a rebelião" [gargalhadas]. É por aí [risos]. E tinha uma outra, do Partido: "Que que é o Partido? Ele tá nesse prédio? Mora nesse apartamento? Tá dentro desse casaco? Não! O Partido somos nós, eu, você aqui juntos. Por isso, se você souber o caminho... de que adianta você saber o caminho sozinho? Por favor, você tem que nos informar. Por favor, não se separe de nós". [risos]. Bonito, né?

**Thiago E** – Bonito.

**Jorge Mautner** – Aí vai, tem mais... [risos].

Thiago E – **Mautner, historicamente o termo "maldito" é muito usado pra vários artistas aqui do Brasil. Tu, Macalé, Itamar Assumpção, um monte de gente já foi chamado de "maldito". Inclusive Itamar Assumpção que começou tocando contigo...**

**Jorge Mautner** – Exatamente. Eu percebi que ele tocava acompanhando. Um dia eu vi ele tocando a música, eu obriguei ele a cantar! [risos]. E ele era genial. Aí ele começou a tocar. E a pergunta é...

Thiago E – **Sim, é sobre o termo "maldito". Tem uma enciclopédia virtual que eu acho que tu deve conhecer chamada Wikipédia.**

**Jorge Mautner** – Ah, sim, claro.

Thiago E – **Quando a gente põe lá na Wikipédia "poeta maldito", o único nome brasileiro, especificado, escrito é o teu.**

**Jorge Mautner** – É mesmo?!! Olha só!! [*risos*]

Thiago E – **Aí tem lá dizendo assim: poeta maldito... Aí diz que é o cara que fica à margem porque não quer fazer parte de um grupo – ele não acredita nas atitudes daquela maioria. Ele prefere se manter à margem fazendo o que acredita porque não acha certo o grupo... Enfim, aí vai dando o conceito.**

**Jorge Mautner** – É isso mesmo.

Thiago E – **Pois é. E ele diz: ...no Brasil, podemos citar como poeta maldito um artista que pelo seu trabalho musical e pelo seu trabalho literário, pelo seu estilo, por sua escrita, por tudo... não ocupa grandes lugares nas preocupações... que é o compositor Jorge Mautner.**

**Jorge Mautner** – Aah! [*risos*]. Gostei muito! O termo “maldito” – o escritor que se prezasse tinha que ser maldito! O escritor não-maldito seria o escritor oficial. Então, de cara, Dostoiévski era considerado maldito, e toda a linha daqueles que propuseram e promulgaram a modificação da rotina, dos hábitos sexuais, das leis, de tudo era considerado maldito. Chegava a tal ponto a maldição que, no Futurismo, por exemplo... Dois poetas futuristas: se um deles dissesse assim: “Ah, gostei muito do seu poema!” – o cara rasgava! Porque não podia compreender [*gargalhadas*] ...por causa do radicalismo [*risos*]. Essa visão do maldito tinha muita coisa de orgulho. Realmente, meus livros chocam e sempre tumultuam... se é pra transformar... O Mário Schenberg dizia assim: “Você é muito importante para o Partido porque, por exemplo, tem o Jorge Amado que vende muito, né... Quem é mais importante: ele ou Kafka? Então, claro que é Kafka e com ele não tem arrecadação”. Mas no sentido da comunicação popular... A minha música é a mesma coisa que a minha literatura: tem as mesmas obsessões, dali eu não saio, isso é uma coisa monócórdia, eu sei os discursos de cor porque eles são entranhados [*risos*]. E nesse sentido eu sou maldito porque quero modificar, quero um Estado diferente, quero... Isso aí já é maldito. E depois as áreas de comportamento estético e comportamento, digamos, do amor, de todas as relações humanas... Outra coisa: essa de gostar da chuva tem um pouco de coisa de maldito. Pô, que nem o Zé do Caixão, pô, então já faz um negócio... [*risos*]. Mas isso tudo são aparências. E na verdade o que eu fiz foi sempre esse trabalho com esse fio de meada toda que agora é que ele está aparecendo. Essas coisas só estão

sendo ditas agora e nos últimos dias, tanto no filme que o Bial... com a presença do Gil e Caetano... Ah! Houve uma briga – eu esqueci de contar da Violeta Arraes. Quando veio a notícia, ela disse: “Mas nós estamos com muito medo e você tem que fazer com que os meninos, o Gil e o Caetano, não caiam nessa de voltar porque eles têm que ficar aqui pra dramatizar a ditadura”. Aí eu falei: “Não, eu acho diferente. Se chamaram é mais positivo [risos]...”. Foi uma briga terrível! Então só tô dizendo porque eram discussões. Seis anos depois a própria Violeta chegou e tudo. Mas só pra falar do “maldito”.

Thiago E – **Como que tu recebe esse nome “maldito”? Porque o seguinte: a impressão que eu tenho é que esse...**

**Jorge Mautner** – Não é mais tanto, né.

Thiago E – **Mas, assim, nessa época...**

**Jorge Mautner** – Ah.

Thiago E - **...a impressão que eu tenho é que esse termo é criado pra meio que excluir uma pessoa: “Ah, mas ele é maldito. Deixa ele lá”.**

**Jorge Mautner** – É. Exatamente, claro, claro. Macalé também sofre muito por causa de “maldito”, né, e não tem nada. O Augusto dos Anjos seria maldito, né. Aí você vai tirar toda a literatura profunda porque ela é maldita [gargalhadas]. Até Machado de Assis, se cê quiser, é subversivo.

Thiago E – **Demais.**

**Jorge Mautner** – Então é mais uma placa assim. Na literatura, até final de 60, 70... funcionava “maldito” como venda. [sussurrando] “Ah, compra o maldito!”. “Então vou ler. Tem sacanagem, não sei o quê” [risos]. E, os outros, não-malditos – que seriam os chatos, né... Por exemplo: o Beauchamp... ele classifica toda a pintura brasileira de primitiva. No máximo, naïf. É um bossal! Aquilo é Surrealismo, o Futuro... Mas não: a mancha lá do cara... “Aahh!”. É a mesma colonização mental, e a indústria traz interessadíssima – é ideológica. E isso em todo lugar. E como eu tava disposto a modificar o mundo... eu até perguntava pro De Fiore: “De Fiore, e como é que a gente, tomando o poder, vai com o dinheiro?”. “Ah! Dinheiro a gente vai imprimir, imprimir, imprimir...” [gargalhadas]. É uma Revolução. Então

tudo tava sacudindo com os exemplos de Cuba – era tudo um tumulto constante. Brasília era uma loucura... Foi antes da fundação, eu era amigo do Darci Ribeiro. Então as aulas eram matemática, eram astrônomos, era tudo interatividade, todas as coisas entre si. Coisas que depois eles separaram: um assunto não podia entrar no outro. Mas, até 64, a professora de matemática queria saber o que foi que o professor de geografia falou pra emendar... o de história... tudo numa relação com a outra. Isso foi quebrado de propósito pra não dá em Socialismo ou Comunismo. Isso me foi dito. Esse método, os generais me falaram. Disseram: “Não, nós podemos fazer essa ligação, devemos, é Fenomenologia, mas eles não – eles se confundem ao fazer...”

Thiago E – **Mas, assim... Em 1985, tu lança o disco Anti-Maldito. Teve algo a ver?**

**Jorge Mautner** – Isso foi preocupação de Caetano e do Roberto Santana e do filho do Brizola, que participa desse disco, né, de querer finalmente que o maior público me pegasse. Mas, olha, não é isso, é minha própria pessoa, por exemplo: eu não vendo camisa, eu nem tenho automóvel, não tenho casa, não tenho nada – então não interessa [risos]. Não há o que vender, infelizmente, só os livros e os discos e, mesmo eles, eu não trago [gargalhadas]. Então é uma coisa gozada... Eu tava falando de...

Thiago E – **Sobre o disco Anti-Maldito.**

**Jorge Mautner** – Ah, sim! Foi essa tentativa. Mas ficou na área maldita, se cê quiser. E depois teve o Bomba de Estrelas. O Bomba de Estrelas... A Warner gastou muito... com dinheiro... cantando com Caetano, eu cantando com Gil, Pepeu Gomes, o [Moraes] Moreira, com a Amelinha, tava estourando, com todo mundo... E eles achavam: “Que bom, aí vai facilitar o ouvinte porque, através desses consagrados que vendiam muito, o Mautner vai então passar”. E aconteceu o efeito contrário! Eles se influenciaram pelo Mautner e tudo deu errado! [gargalhadas]. Não é gozada essa história? [risos]. E eu digo que não é minha exclusiva intencionalidade isso. Não é que eu não queira, eu quero vender muito. Mas não é questão de concessão... É que eu não sei fazer. Não é que eu não saiba fazer concessão. Se pode fazer, mas ela vai soar... No meu caso, eu escrevo e componho pra não enlouquecer, não assassinar pessoas e não causar tumultos piores [gargalhadas]. Então eu, bem... fica assim. Se começar a querer fazer... E, a

venda, eu sempre escolhi o público: vai no lugar certo, né. Não preciso. Embora tenha parceiros de todas as vozes e tudo e eles acabam gostando dessa conversa. Os artistas, ponto, querem saber. E a filosofia é assim – a gente vai falando...

Thiago E – **Qual é a frequência, Mautner, com que tu escreve, compõe músicas?**

**Jorge Mautner** – Ah! Aí depende da época.

Thiago E – **Agora, atualmente, 2010.**

**Jorge Mautner** – Ah, eu fiz algumas. Nós vamos terminar uma pro filme que vai sair, agora, támo começando a fazer o nosso disco... mas agora tem muita coisa, né: tem o filme que o Bial fez, o Pedro Bial.

Thiago E – **Tu pode falar um pouco sobre o filme.**

**Jorge Mautner** – Posso. Em primeiro lugar, no ano que vem, vai ser lançado O Filho do Holocausto, é o nome do filme. É um longa-metragem, Pedro Bial dirigindo, eu tocando com a banda... Domenico, músicos geniais, o Kassin... E Caetano e Gil cantam, cada um canta oito músicas, outros também cantam sete... em forma de memórias do O Filho do Holocausto. Esse filme vai se transformar em DVD e CD e vai dá uma grande abertura aí, inclusive, porque vai pra Festival Internacional no final de 2011...

Thiago E – **Mas esse filme vai ser alguma coisa comemorativa sobre os teus 70 anos?**

**Jorge Mautner** – Vai coincidir. Mas o Bial quer isso: é toda obra, vai mostrando os livros e através das músicas. E também falas minhas incluídas... representar a idéia da obra.

Thiago E – **Vai ter livro também?**

**Jorge Mautner** – Livro vai ter mas não dessa obra. Esse vai ser filme, DVD, vai virar CD e vou continuar fazendo shows.

Thiago E – **Não, digo livro inédito teu mesmo.** [*telefone do Mautner toca*]

**Jorge Mautner** – Não, não. Livro inédito só... Pode falar?

Thiago E – **Pode, pode. Fica à vontade.**

**Jorge Mautner** – Alô. [*Mautner fala rapidamente e volta à conversa*] ...parte dessas histórias que eu contei da volta minha, do Gil, do Caetano, como eu os encontrei e como é que foi isso; os Festivais se proclamando, a democracia...

Thiago E – **Mas seria uma continuação d'O Filho do Holocausto?**

**Jorge Mautner** – Seria uma espécie de continuação d'O Filho do Holocausto. Mas ali foram mais memórias sobre mim. Como eu vou escrever sobre o Gil, eu e ele, são instantes, então são flashes. Esse livro vai sair o primeiro volume dele no ano que vem. Depois vai sair um outro sobre a visão da Amálgama – o primeiro século dos ancestrais indígenas – e tem o filme do Bial; e tem vinte e oito capítulos pra TV Brasil sobre cada Estado brasileiro – mas pegando a história e apontando onde se dão as amálgamas – então uma visão histórica diretamente dedicada a mostrar essas amálgamas. Eu mesmo fui a cinco estados do nordeste, os primeiros, e eu mandei minha equipe que é o filho do Wally Salomão, o Omar Salomão, o poeta do Hapax, uma garotada toda que foi aos estados. Eu fiz preleções antes, reparando... Depois tem a Amálgama também como argumento no Canal Brasil em treze capítulos encenado pelo Osvaldo Montenegro – tá passando agora. Além desses três e o filme... E o próximo programa da TV Brasil já vai ter também porque vão ser os Estados fronteiriços – então as influências no Estado de fronteira com fronteira e tudo. Mais ainda: vai sair agora em edição comercial, quer dizer, pra todo mundo, o produto da gravação do disco, da Funarte esse, eu cantando com Nelson Jacobina e com o Maracatu Estrela de Outro Aliança, lá de Nazaré da Mata, mestre Duda, tá genial! E ano que vem poderá ser lançado com o filme que acompanha – esse é do Ministério da Cultura. E o mestre Duda é o máximo! Ele canta ciranda e tudo. E gravamos ao vivo! Fantástico! Tinha uns sons de metais e de marrecos respondendo, "Pan! pan!". Maravilhoso! Eles são gênios! E mais a edição do disco...

Thiago E – **Revirão?**

**Jorge Mautner** – Revirão. Exatamente. Agora, no lançamento. E vou ocupar bastante tempo continuando, visitando os Pontos de Cultura... E é isso e o trabalho é esse. Sempre, né? Esse filme vai abrir muitos caminhos porque tudo é questão da distribuição e do interesse, né? E interessante que o *Pirata*<sup>2</sup>, o primeiro, em 72, ele era um disco que... Custavam 30 Cruzeiros os discos. O meu só podia vender não mais que C\$ 14,00 – porque era capa de duas cores e gravado ao vivo, então barateava. A indústria podia colocar um disco por menos da metade. Mas aí quando foram pras lojas, as lojas recusaram: “Não, não vamos abrir esse precedente...”. Aí o único lugar que aceitou o *Pirata*, que não era pirata porque tinha tudo certinho, foi Recife. Vendeu 7.000. Logo depois eu gravei pela Poligran o Jorge Mautner [de 1974], cantando o Maracatu. O primeiro foi uma experiência assim. O outro disco desses, *Pirata*, é o do Gil e Caetano [Barra 69] antes deles serem exilados: pra não parecer que era uma coisa brutal, eles fizeram um show deixando um disco.

Thiago E – **Mautner, falando sobre essas gravações, eu queria que tu falasse um pouco do Nelson Jacobina. Como é ele, a parceria...**

**Jorge Mautner** – Aah! O Nelson Jacobina é genial. Desde 72, quando eu o conheci... Nós logo gravamos o “Pirata”, ele tá ainda com uma foto chamado “Carneirinho” porque ele tinha cabelos compridos. E ele é genial porque é um intelectual, leitor de livros, filósofo... Inclusive é bom que ele não esteja aqui porque tudo que eu falo ele diz que é o contrário! [*gargalhadas gerais*]. Dá discussões terríveis. [*risos*].

Thiago E – **O livro Panfletos da Nova Era tu dedica a ele...**

**Jorge Mautner** – É! Isso! Exato! E depois, assim, nossas andanças e tudo a gente confraterniza com pessoas (não vou falar em células), mas são grupos de intelectuais, de pessoas que querem a arte, todo tipo de pessoas. Eu sou um obsessivo formador de grupos, de células pra enfrentar o Nazismo. [*gargalhadas*].

Thiago E – **Essa daqui é a de Teresina.**

**Jorge Mautner** – [*gargalhadas*] AH! Essa daqui é o máximo! [*gargalhadas*].

---

<sup>2</sup> Jorge se refere ao disco Para Iluminar a Cidade – que saiu pelo selo Pirata, dirigido por Nelson Motta. No livro Trajetória do Kaos [Azougue Editorial, 2002], Mautner diz que “o selo acabou sendo boicotado pelas lojas, o meu disco se tornou comercialmente marginal, e o selo foi extinto”.

Thiago E – **Mautner, quantos livros inéditos tu tem escritos?**

**Jorge Mautner** – Ah, tem muuitos inéditos! Tem muitos inéditos guardados aí. Porque eu praticamente escrevia todos os dias numa pulsão de confissão. Só depois disso é que eu podia ficar em paz... [*gargalhadas*]. Ééé! É um louco! Se eu não escrevesse tava no hospício. [*risos*].

Thiago E – **Mautner, tu criou o Partido do Kaos, tu já foi Comunista...**

**Jorge Mautner** – Ainda sou ainda. É. A Bandeira do [Meu] Partido foi feita em 58.

Thiago E – **...se candidatou a Deputado pelo PV...**

**Jorge Mautner** – PV! Eu não ganhei por 300 votos! Não fiz campanha, foi terrível!

Thiago E – **Mas como é que tu se define hoje politicamente? Há ainda alguma ação política, partidária?**

**Jorge Mautner** – Não. Há um comparecimento pelo próprio Partido Comunista que me chama... No aniversário do Partido eu vou lá, toco. Agora no lançamento da candidatura da Dilma, a primeira vez foi lá em Brasília. Então teve o PC do B que teve a honra de apresentá-la como candidata oficial. Então nós fomos lá, num lugar enorme, tinha o Netinho, a Leci Brandão e o Martinho da Vila... fizeram um show antes e depois falaram... tava todo mundo, o Mercadante, a Dilma, todo mundo. Mas na hora entrei eu e o Nelson... (de capa vermelha) e toquei A Bandeira do [Meu] Partido... "Aah!". Depois o Dr. Aldo Rabelo começava a ler e eu começava a tocar a Internacional. Ela falou comigo: "De repente a bandeira brasileira aparece entrelaçada com a vermelha!". Eu falei: "É!". Enfim, foi muito divertido. Então, nesse sentido eu sou militante, né?

Thiago E – **E o que tu espera dela agora na presidência?**

**Jorge Mautner** – Ah, a continuidade, né, desse formidável governo do presidente – o maior estadista do século XXI. E é o Brasil e a Amálgama, o Brasil sonhado de Padre Antônio Vieira, de Stefan Zweig, de todos nós. E aqui, o Piauí, é o lugar mais impressionante disso tudo! Porque remonta assim a uma antiguidade que é

presente e até futura também: as incrições, Sete Cidades, essa imensidão que é metade Amazônia, metade Cerrado... A Serra da Capivara que é muito importante... tá nascendo aqui no Brasil mesmo, né, depois das migrações... E a poesia e o povo... o povo brasileiro que é maior e melhor que tudo isso, e isso já é excelente. É a força do mutirão, da solidariedade, do riso, do prazer e da felicidade... que só pode se existir se não houve também conflito... [gargalhadas]. E aqui o Brasil já está descoberto. Nós precisamos é tomar cuidado com as fronteiras. [gargalhadas]. O Brasil tem quase 200 milhões, né. Um continente que dá pra abrigar quase 3 bilhões de pessoas – daqui a pouco eles vão querer desembarcar em massa. Nós vamos receber bem, claro, mas precisa... [gargalhadas].

Thiago E – **Pra encerrar, só queria que tu falasse um pouco como foi tua experiência de ter vindo aqui em Teresina...**

**Jorge Mautner** – Ah! O máximo! De todas as viagens que eu fiz pra cá, e pra outros lugares também, o nosso encontro aqui, com o Thiago e todos vocês, do grupo Validuaté... são como um sonho realizado. Novos amigos que já conhecia há muito tempo, né? E é uma grande felicidade! Porque nós gostamos de falar essas coisas, de fazer essas coisas e, desse modo tão incrível, na afetividade e na profundidade da entrega. As notícias das pesquisas dos neurônios nos trazem a confirmação de que toda informação do cérebro tem que vir banhada em emoção. Aqui ela veio totalmente! [risos]. A coisa mais importante é isso. E vocês são... eu não preciso dizer. Não só a alma ela é criadora o tempo todo, mas tem uma ddivosidade intrínseca de erguer pontes, de ir ao encontro do próximo sem esquecer também as minúcias e a técnica de cada coisa. Você é um articulador nato e instantâneo! Você dá uma olhada e tchum!tchum! Todos... Você tem esse dom de reunir. Vocês todos são muito felizes – você mais ainda. Ainda mais num lugar assim com esse espírito. Vocês são então uma coisa impressionante! Desde ontem, quando nós gravamos, e a surpresa lá que você fez [gargalhadas]<sup>3</sup>. Olha! Muito e muito feliz e espero que mantenhamos contato por muito tempo. Vocês vão ficar muito tempo... Eu talvez nem tanto. [gargalhadas]. Mas estarei aqui sempre com vocês, que realmente... Maravilhoso!

---

<sup>3</sup> No show que fizemos no dia anterior à entrevista, chamamos Mautner ao palco e improvisamos sua participação com a Validuaté. Como ele não havia decorado a letra da música Superbonder, fui soprando a letra no seu ouvido – como se fosse um 'ponto' para um ator – e ele repetia interpretando. Num clima de absoluto envolvimento do público também, todos nos divertimos enquanto Mautner falava que "Já tem criança dizendo que, quando crescer, quer ser o Jorge Mautner!"

Thiago E – **Muito obrigado, Mautner!**

**Jorge Mautner** – Eu é que agradeço. Obrigado.

Thiago E – **Pois pronto – essa foi a nossa conversa.**

**Jorge Mautner** – Pode ser mais dez horas! [*gargalhadas gerais*].

Teresina, manhã de 21 de Novembro de 2010.